

## **Sua majestade o *Pet***

Renata Petri e Eduardo Furtado Leite

Veza ou outra, uma nota num caderno jornalístico dedicado ao dia-a-dia da cidade comenta um drama que, provavelmente, passa despercebido para a maioria: os abrigos e albergues destinados a sem-tetos, mendigos e andarilhos procuram impedir a entrada dos cachorros que usualmente os acompanham. Parece tratar-se de uma regra sanitária óbvia, afinal os companheiros peludos podem carregar pulgas e outros hóspedes malfeitores. No entanto, a questão não é simples; basta lembrar que praticamente todos os andarilhos e muitos mendigos não abrem mão da companhia de um cão para termos uma idéia do problema. Ali onde um pode enxergar frescura, outro pode constatar uma questão de dignidade: não abandonar o cão ao relento é um voto, uma posição subjetiva, um sim ao cão e um não à racionalidade mantenedora da civilização como essa se apresenta. Mesmo assim, por que o sim ao cão pode chegar a valer noites ao relento quando se tem a opção de um teto, uma cama e um cobertor?

Em 1926, um jornalista americano se dirige a uma casa nos pés dos Alpes austríacos com o objetivo de entrevistar um dos vultos intelectuais de seu tempo: Sigmund Freud. Conversa vai, conversa vem, e esse jornalista, que atendia pelo nome de George Sylvester Viereck, lembra a Freud que talvez “seríamos mais felizes se soubéssemos menos dos processos que dão forma a nossos pensamentos e emoções. A psicanálise rouba a vida do seu último encanto ao relacionar cada

sentimento ao seu original grupo de complexos. Não nos tornamos mais alegres descobrindo que nós todos abrigamos em nossos corações o selvagem, o criminoso e o animal”. Frente a esse comentário, Freud responde: “Que objeção pode haver contra os animais? Eu prefiro a companhia dos animais à companhia humana. (Eles) são tão mais simples. Não sofrem de uma personalidade dividida, da desintegração do ego, que resulta da tentativa do homem de adaptar-se a padrões de civilização demasiado elevados para seu mecanismo intelectual e psíquico. O selvagem, como o animal, é cruel, mas não tem a maldade do homem civilizado. A maldade é a vingança do homem contra a sociedade, pelas restrições que ela impõe. As mais desagradáveis características do homem são geradas por esse ajustamento precário a uma civilização complicada. É o resultado do conflito entre nossos instintos e nossa cultura. Muito mais agradáveis são as emoções simples e diretas de um cão ao balançar a cauda ou ao latir expressando seu desprazer. As emoções do cão lembram-nos os heróis da antiguidade. Talvez seja essa a razão porque inconscientemente damos a nossos cães nomes de heróis como Aquiles e Heitor”.

No século XXI a companhia de um cão ou de um gato continua em alta para os seres falantes, porém algo mudou. Se passearmos por uma praça de um ‘bairro nobre’ da cidade, veremos cachorrinhos sendo levados para passear naqueles carrinhos que antes serviam tão-somente aos filhotes dos humanos. Impávidos, seguem com a cabeça debruçada sobre as patas, vendo o movimento.

Num passado recente eles foram bichos de estimação. A ação de estimá-los implicava reconhecer neles um ideal cumprido a bom termo: emoções tão claras como aquelas dos humanos que vivem nos seriados da TV. Cândidos e brincalhões, especialmente os cães, não precisavam

de muito para viver e bastavam-se com um pouco de atenção que, convenhamos, não era mais que uma justa gratificação pela fiel e agradável companhia. *O bicho de estimação fundava-se menos no aparato que requeria e mais no que sua simples presença honesta poderia proporcionar à convivência.*

Mudou o olhar que formata os bichos ao convívio com os seres falantes. Em tempos de capital pós-industrial, que solicita a intensificação do consumo, um novo saber conforma latidos e miados ao 'disc-urso' corrente. Agora eles habitam o verbo "precisar": eles precisam de roupas, comidas especiais que incluem bolos de casamento (ou acasalamento), passeios com horários regulados, escovações, banhos com produtos específicos, massagistas, esteticistas e outros mimos que sustentam filões significativos do setor de serviços. O termo *pet* vem atender a esse novo lugar para os bichos; aliás, é politicamente incorreto chamá-los de bichos, pois tal designação implica, afinal, um ente selvagem. O bicho de estimação clássico já não era mesmo exatamente selvagem como lembrou Lacan em *Televisão*, mas ainda assim era tão-somente um 'animal gente fina'. Já o *pet* implica algo mais, trata-se de um *gadget* vivo.

### **Concorrência desleal.**

Frente a esse cenário podemos nos indagar se ter filhos revela-se um 'nega-ócio' tão complicado que tende a perder espaço para o mercado dos *pets*. Ali onde a criança usualmente pode mostrar-se pouco competente para realizar o ideal dos pais, os bichos parecem ser mais maleáveis. Em sintonia com um estilo exigente de formatar-se ao desejo do Outro, os *pet*'s exibem uma desenvoltura espantosa para atender

aos anseios de uma 'criação ideal'. Os filhotes de homem costumam não ser assim tão discretos quanto um *pet* no que diz respeito aos segredos familiares inconscientes e, cedo ou tarde, deixam escapar verdades constrangedoras. Quando adolescentes, facilmente levam água abaixo as ilusões quanto àquela inconfessável promessa de que realizariam a exceção. Para a angústia dos pais, deve-se também levar em conta a inevitável contribuição midiática de especialistas, educadores, "psis" e afins, proferindo 'especialismos' que questionam a paternidade e a maternidade como se fossem puras técnicas sem desejo e fantasia: soltou demais... prendeu demais..., deu pouca atenção... deu muita atenção..., não soube falar... falou sem saber... foi invasivo..., é ausente..., e assim por diante.

O *pet* também pode, por vezes, ocupar o lugar do companheiro/a que se revela com defeitos demais perante a expectativa de realizar uma felicidade conjugal digna de uma capa de revista de celebridades, ou seja, realizar uma relação suposta sem mal-entendidos. O narcisismo parental ou do amante pode encontrar no *pet* a prótese inofensiva do *kid* ou do companheiro ideal que se pode amar loucamente sem maiores estragos: pode-se mimar à vontade, fazê-lo ser invejado, pode-se até dar uns tapinhas sem risco de danificar a auto-estima.

Mais, conseguimos responder à demanda desse outro pulguento e peludo sem grandes problemas, enigmas ou escândalos, incluindo as demandas a eles atribuídas pelo mercado: "seu bicho vai amar a nova ração....". Enfim, tudo isso além do desfrute do bom e velho 'bicho doméstico', parceria que funciona há milênios.

Enfim, essas vantagens relacionais que cães gatos e afins ostentam na comparação com companheiros falantes e filhos não representam uma novidade em si mesma; no entanto, interessa destacar que essas

mesmas vantagens vêm sendo gradativamente levadas mais em conta no contemporâneo.

**Renata Petri** é psicanalista, professora da UNIFESP/Campus Guarulhos, doutora em Psicologia pelo Instituto de Psicologia USP e autora de *Psicanálise e educação no tratamento da psicose infantil: quatro experiências institucionais* - Annablume/SP/2003; *Psicanálise e Infância: clínica com crianças* - Companhia de Freud/RJ/2008.

**Eduardo A. Furtado Leite.** Psicanalista. Mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. Doutor em Ciências da Comunicação pela ECA-USP. Professor convidado no curso Semiótica Psicanalítica – Clínica da Cultura (COGEAE – PUC). Autor de *Drogas Concepções Imagens* (Annablume, 2005). E-mail: [furtadoleite@yahoo.com.br](mailto:furtadoleite@yahoo.com.br)